

A QUESTÃO DO SUJEITO EM “SÃO MARCOS”: PERSPECTIVA LITERÁRIO-FILOSÓFICA. Cássio de Fernando Silva. Antônio Donizeti Pires. Inter-áreas – Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

Longe de discutirmos a separação que comumente há entre Arte e Ciência ou Arte e Filosofia, da mesma forma sabendo que há certa distinção entre Filosofia e Ciência, analisaremos como se dá a relação entre a Literatura e a Filosofia, na medida em que esta última teve as suas origens representando certo *anseio humano* de busca de *sentido* da vida e na medida em que sua produção se deu rumo a algum entendimento da realidade. Da mesma forma, pensamos que há, em muitas manifestações artísticas, relação com os mesmos problemas da alçada da Filosofia, inclusive se verificarmos que possuem origens comuns e se entendermos a Arte como forma de expressão do universo humano – objeto do qual a Filosofia também se ocupa.

Estudando filósofos desde a Antigüidade até a atualidade – e se tivermos em vista a produção artística durante a história, encontrando, além de fundamentações, visões de mundo, identificação de temas e métodos, uma variedade de obras literárias que trazem muita Filosofia e tratados filosóficos que contém muita Literatura –, procuraremos estabelecer as devidas *intersecções* entre essas duas esferas, tendo como ponto de referência a questão do sujeito em ambas.

A noção de *sujeito* ainda suscita discussões na Filosofia em muitos sentidos, sobretudo no que se refere ao estabelecimento de um ponto de partida para o conhecimento do mundo, além das discussões no que diz respeito à identidade pessoal de um sujeito. Muito menos tranquilo é entendermos como, através da criação poética de um sujeito possível – que representa não só o homem num sentido particular, mas que alcança certa universalidade –, esta noção é inserida na Literatura, sobretudo em se tratando da obra de um João Guimarães Rosa.

Desta forma, por um lado, temos na Filosofia o *sujeito do conhecimento*, definido sob várias concepções filosóficas, mas que encerra a busca pelo estabelecimento de uma referência a partir da qual partiriam as investigações e arguições filosóficas em direção a uma melhor compreensão da realidade e de seu sentido. Por outro, na Literatura, a criação de uma instância fictícia que, por meio da criação de um mundo possível, hipotético e verossímil, estabelece uma ponte entre o sujeito real, já que a vivência deste sujeito na Literatura é por nós entendida como projeção do *sujeito do conhecimento* na busca de sentido sobre o mundo e sobre si mesmo por meio da reinvenção da realidade.

Com relação ao critério de escolha da obra literária, julgamos haver a devida intersecção entre Literatura e Filosofia em “São Marcos”, conto enfeixado em *Sagarana* (1946), de João Guimarães Rosa, pelo modo como este autor trabalha com a palavra, a maneira como considera a linguagem: a linguagem e a vida são uma coisa só. Além disso, apesar de trabalhar com o Sertão – tendência regionalista – acaba assumindo a característica de experiência estética universal, suscitando, por sua vez, experiência próxima do universo metafísico.

A vivência do protagonista, sua experiência de vida, revela essa intersecção através do traslado de uma visão de mundo à outra, entre a razão e o mito, alçando o narrador-personagem de uma visão cética do mundo ao universo mítico, através de uma trajetória de dúvida, característica própria da Filosofia: processo de “vir-a-ser” do sujeito.

Tal vivência do narrador-personagem, somado à forma peculiar com que Rosa a constitui, o modo do escritor conceber a linguagem, enriquecendo o universo fictício desse sujeito, constitui fonte profícua para vislumbrar aspectos da realidade humana presentes tanto fora quanto, também, dentro da Literatura.

Em se tratando de um trabalho teórico e crítico, a metodologia adotada foi a leitura e análise cuidadosas do conto “São Marcos” e de obras filosóficas – que possibilitassem a ponte epistêmica necessária entre o sujeito do conhecimento e o sujeito fictício – e teóricas de Literatura da bibliografia já levantada e de outras obras relativas ao tema estudado.

Isto posto, analisamos o conto em seus aspectos de construção, com base no arsenal metodológico da moderna Teoria da Narrativa; além da linguagem, privilegiamos o modo como

o sujeito (enquanto narrador-personagem e enquanto sujeito de conhecimento) é caracterizado por Rosa; por último, pesquisamos outros veios filosóficos possíveis implícitos no texto.

Buscar um melhor entendimento da Literatura enquanto relacionada com o campo filosófico representaria a procura de uma melhor compreensão da natureza da Literatura, e o entendimento da linguagem poética como uma forma necessária e significativa de expressão, portanto, uma atividade longe de ser destituída de finalidade e de sentido, além de lançar um novo olhar à obra de Guimarães Rosa. O que está sendo discutido aqui também beira às discussões acerca da natureza da linguagem, sua função enquanto meio de representar o mundo e/ou cria-lo, dando (ou não) para a consciência a percepção tipicamente humana da realidade (questão somente óbvia na aparência, considerando as contribuições da *Crítica da Razão Pura*, de Emmanuel Kant).

Referências Bibliográficas:

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 2 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção “Os Pensadores”).
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 35. ed., revista e aumentada. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CANDIDO, A. **Iniciação à literatura brasileira**: Resumo para principiantes. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997.
- _____. O homem dos avessos. In: _____. **Tese e antítese**. 4. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002. p. 119 – 139.
- CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003 (Debates, 50).
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2005.
- DESCARTES, R.. **Meditações**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).
- FERNANDES, R. C. **O Narrador do romance**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.
- GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, 1995.
- HEGEL. **Estética**: o belo artístico ou o ideal. 3. ed. Lisboa: Guimarães, 1983.
- HUME, D. **Investigação acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores)
- KANT, E. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).
- MIYAZAKI, T. Y. A antecipação e a sua significação simbólica em “São Marcos”, de G. Rosa. In: D’ONOFRIO, S. (Org.). **Conto brasileiro**: quatro leituras. Petrópolis: Vozes, 1979.
- MOISÉS, M. **Guia prático de análise literária**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- REIS, C.; LOPES, A. C. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.
- ROSA, J. G. **Sagarana**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1984.
- SARTRE, J.-P. **O que é a literatura?**. São Paulo: Ática, 1989.
- SUASSUNA, A. **Iniciação à estética**. 6. Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2004.
- WELLEK, R., & WARREN, A. **Teoria da literatura**. 5. ed. Lisboa: Europa-América, [19__].

Bolsa: Bolsa de Apoio Acadêmico e Extensão III